



EUA-CHINA

Encontro com promessas

Em visita simbólica a Pequim, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, reconhece profundas divergências com os chineses e se compromete a distensionar as relações com o país asiático. Presidente Xi Jinping celebra "progresso" em vários pontos

» RODRIGO CRAVEIRO

Leah Millis/AFP



Blinken (E) cumprimenta Xi no Grande Salão do Povo, sede do poder em Pequim, na Praça da Paz Celestial: cobranças e acenos positivos

As duas maiores potências mundiais tiveram uma conversa aberta sobre temas espinhosos. O encontro entre o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, e o presidente chinês, Xi Jinping, no Grande Salão do Povo, no coração de Pequim, terminou em promessas de estabilização das relações bilaterais e na sensação de progresso. Tanto que o ministro das Relações Exteriores da China, Qin Gang, aceitou o convite do homólogo norte-americano para viajar a Washington, em data ainda a ser definida. A guerra na Ucrânia também foi discutida por Xi e Blinken. Pequim se comprometeu a não enviar armamentos para Moscou. "Nós — e outros países — recebemos garantias da China de que não está (fornecendo) e não vai fornecer assistência letal à Rússia para uso na Ucrânia", disse o enviado do presidente Joe Biden.

"Vim para Pequim com o objetivo de fortalecer os desafios de comunicação de alto nível, para deixar claras nossas posições e intenções em áreas de desacordo e para explorar áreas onde podemos trabalhar juntos quando nossos interesses se alinham em desafios transnacionais compartilhados. E nós fizemos tudo isso", assegurou Blinken. O chefe da diplomacia de Washington reconheceu preocupações da Casa Branca no que diz respeito às "ações provocadoras" da China no Estreito de Taiwan — "tratamento injusto" dispensado por Pequim às companhias norte-americanas e às violações dos direitos humanos na província de Xinjiang (noroeste) contra a minoria muçulmana uigur, no Tibet e em Hong Kong.

Cooperação mútua

"Também abordei a questão dos cidadãos dos EUA detidos injustamente e aqueles que enfrentam proibições de saída do país", relatou o secretário. "Enquanto trabalhamos para resolver nossas diferenças, os EUA estão preparados para cooperar com a China em áreas onde temos interesses mútuos, incluindo o clima, a estabilidade macroeconômica, a saúde pública, a

Medo da independência

O governo chinês considera Taiwan uma ilha rebelde, que não conseguiu reunificar com o restante de seu território desde o fim da guerra civil chinesa em 1949. Pequim teme que Taiwan, a qual classifica como parte inalienável de seu território, tente promulgar a independência. Um ponto de tensão entre Pequim e Washington é o fato de que Taiwan compra armas dos EUA. O Partido Comunista Chinês (PCC) ameaça usar a força para recuperar a ilha.

segurança alimentar e o combate aos narcóticos", sublinhou Blinken. Ele afirmou não ter ilusões sobre os desafios de administrar a relação com os chineses. "Há muitas questões sobre as quais discordamos profundamente, inclusive de forma veemente. Fizemos progressos e seguiremos adiante. Mas nenhuma dessas questões será resolvida em uma única visita", acrescentou.

A agência de notícias estatal chinesa Xinhua informou que o

Eu acho...



Fotos: Arquivo pessoal

"Os Estados Unidos e a China estão envolvidos em uma competição intensa, e é improvável que isso diminua. A questão é saber se ela pode ser limitada e administrada ou se levará a um conflito militar. Não vejo os chineses buscando uma supremacia militar. Isso não é algo alcançável pelas próximas duas ou três décadas, e Xi Jinping sabe disso. Ele estabeleceu 2049 como uma data-alvo para alcançar um exército de 'classe mundial' e pode tentar atingir esse objetivo ainda mais cedo."

Bonnie Glaser, diretora do Programa Ásia do think tank German Marshall Fund of the United States (sediado em Washington)



Fotos: Arquivo pessoal

"Sobre Taiwan, Blinken reiterou o que tem sido a política dos EUA desde a década de 1970. Ela não apoia a independência taiwanesa, mas não quer que Pequim imponha sua autoridade por meio da força ou se Taiwan não desejar a reunificação. No âmbito da economia, os EUA tentam retardar ou limitar a aquisição de certas tecnologias avançadas pela China, mas não destruir a economia chinesa ou colocar um fim às relações econômicas."

Stephen M. Walt, professor de relações internacionais da Universidade de Harvard

presidente Xi defendeu uma relação estável entre China e EUA em um mundo em desenvolvimento. "Os interesses comuns dos dois países devem ser valorizados, e seu respectivo sucesso é uma oportunidade, em vez de uma ameaça um ao outro", declarou o anfitrião do encontro. Ele sublinhou a Blinken que a comunidade internacional não quer ver um confronto entre as duas nações nem escolher lados. "Ela espera que os dois países coexistam

em paz e tenham relações amistosas e cooperativas. (...) Espero que o secretário Blinken, por meio desta visita, traga um resultado positivo para a estabilização das relações entre China e Estados Unidos", acrescentou. Xi também reconheceu que "os dois lados fizeram progressos e encontraram terrenos comuns em vários pontos específicos", sem, no entanto, detalhá-los.

"Em relação a Taiwan, eu gostaria de reiterar a posição de

longa data dos Estados Unidos sobre a política de 'Uma só China'. Essa política não mudou. (...) Nós não apoiamos a independência de Taiwan e nos opomos a qualquer mudança unilateral no status quo por parte de qualquer lado. Continuamos a esperar resoluções pacíficas para as diferenças ao longo do Estreito de Taiwan", garantiu Blinken.

Bonnie Glaser, diretora do Programa Ásia do think tank German Marshall Fund of the United States

(em Washington), afirmou ao **Correio** que tanto a China quanto os EUA concordaram em explorar a possibilidade de estabilização das relações bilaterais. "Se esse objetivo será alcançado, é algo incerto. Esta é uma trégua frágil, na melhor das hipóteses, que poderia facilmente ser descartada." A especialista disse nada ter visto de novo nas declarações sobre Taiwan. "Os EUA repetidamente forneceram garantias sobre não apoiar a independência de Taiwan."

"Sinal ruim"

Para Glaser, a negativa de Pequim de retomar os canais de comunicação entre os exércitos dos dois países é um sinal ruim. "Ela sugere que a China não quer reduzir o risco entre as duas forças armadas. Em vez disso, deseja que os EUA parem de operar aeronaves e navios de guerra na periferia da China. Isso não ocorrerá", alertou. "Parece que os chineses acreditam que, ao aumentar o perigo de acidentes na região, eles induzirão os operadores militares norte-americanos a agir com mais cautela."

Professor de relações internacionais da Universidade de Harvard, Stephen M. Walt concorda que a viagem de Blinken pode ajudar a aliviar um pouco as tensões. "Ela deve auxiliar cada lado a entender o ponto de vista do outro, mas não eliminará a profunda rivalidade entre as duas nações", admitiu ao **Correio**, por e-mail. Ele explicou que as relações sino-americanas se mantêm tensas por envolverem as duas principais potências do planeta, e cada uma se preocupa com o que a outra possa fazer. "A China gostaria de reduzir gradualmente o papel dos EUA na Ásia, enquanto os Estados Unidos estão determinados a ficar na região."

Walt considera inevitável a competição entre Pequim e Washington. "Chineses e americanos têm se preparado para a possibilidade de o outro se tornar hostil. Mas acho que essa disputa pode ser gerenciada se houver sabedoria de ambos os lados. Nenhum país pode eliminar ou conquistar o outro, o que significa que a coexistência não é apenas desejável, mas inevitável."

MISTÉRIO NO ATLÂNTICO

Submarino some com turistas rumo a restos do Titanic

No último sábado, o aviador, empresário e bilionário britânico Hamish Harding, 58 anos, publicou em seu perfil no Instagram uma foto em que assinava um cartaz com o símbolo da Missão V da Expedição Titanic, uma iniciativa oferecida pela OceanGate Expeditions, empresa baseada na cidade de Everett, no estado de Washington. "Tenho orgulho em anunciar que me juntei à OceanGate como especialista em missão no submarino descendo até o Titanic. Devido ao pior inverno na Newfoundland (Canadá) em 40 anos, esta missão provavelmente será a primeira e única missão ao Titanic em 2023", escreveu Harding. "A equipe do submarino tem alguns exploradores lendários, alguns dos quais levaram mais de 30 passageiros até os destroços do Titanic".

De acordo com a Guarda Costeira dos EUA, o veículo submersível perdeu contato com a superfície 1 hora e 45 minutos depois de iniciar a descida a 13 mil pés de profundidade (3.800m), no Atlântico, no domingo.

Construído com fibra de carbono e titânio, o Titan pesa 10t; mede 6,7m de comprimento por 2,8m de largura e 2,5m de altura; e desenvolve velocidade máxima de 3

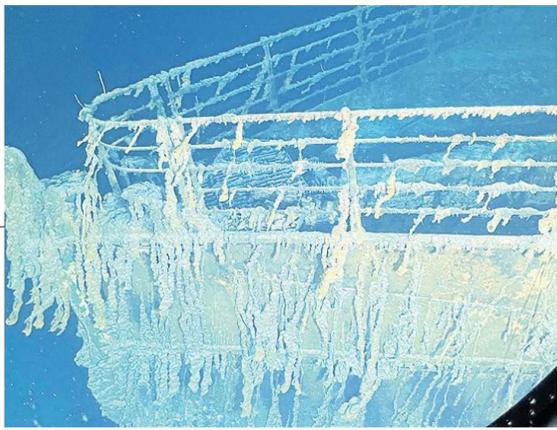
A única viagem

O Titanic saiu do porto inglês de Southampton em 10 de abril de 1912 para sua viagem inaugural rumo a Nova York, mas afundou depois de colidir com um iceberg, cinco dias depois. Dos 2.224 passageiros e tripulantes, morreram quase 1.500. Os restos do transatlântico foram descobertos apenas em 1985, a cerca de 650km da costa do Canadá, a 4 mil metros de profundidade, em águas internacionais do Oceano Atlântico.

nós (5,5km/h). O direito a uma vaga no submarino custou US\$ 250 mil (ou R\$ 1,2 milhão). Na tarde de ontem, a Guarda Costeira também informou que o submersível tem entre 70 e 96 horas de oxigênio disponível.

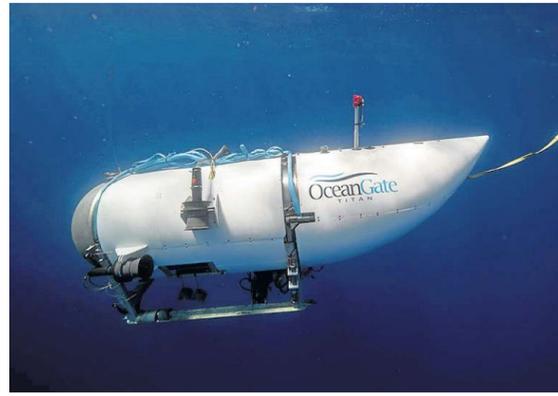
Os trabalhos de busca e de resgate envolvem aeronaves das Forças Armadas dos Estados Unidos e do Canadá, boias de sonar e radares nos navios. Em comunicado citado pela mídia, a OceanGate Expeditions afirmou que pretende "explorar e mobilizar todas

Fotos: OceanGate



as opções para trazer de volta a tripulação a salvo". A empresa responsável pelo submarino não divulgou os nomes dos demais passageiros e informou que, antes, notificará os familiares. No entanto, o jornal britânico *The Guardian* publicou que, além de Harding, fazem parte da missão um veterano de guerra francês e um especialista em submarinos. Em novembro passado, o Titan aprendeu falhas de comunicação e ficou mais de duas horas e meia perdido no fundo do Atlântico.

O contra-almirante galês Chris Parry, especialista da Marinha britânica, afirmou ao **Correio** que o Titan mostrou sinais de fadiga cíclica durante ensaios na Instalação de Testes no Oceano Profundo, em Annapolis, no estado de Maryland. "Sua classificação de profundidade foi reduzida para 3 mil metros. Não vi quando essa classificação foi corrigida para mergulhar a profundidades maiores. Como não há evidências de um silvo de segurança rotineiro ou um sinal sonoro de socorro, as chances de



O veículo submersível Titan tem capacidade para cinco passageiros

sobrevivência da tripulação parecem baixas", lamentou.

De acordo com Parry, a tripulação do Titan dispõe de um total de 96 horas de oxigênio, além de roupas de proteção adequadas contra o frio, para o caso de falha no sistema de aquecimento, além de comida e de água. Ao ser questionado sobre o motivo pelo qual o Titanic atrai tanta curiosidade, o contra-almirante da Marinha britânica disse que o transatlântico desperta um grau de familiaridade na consciência da opinião pública,

principalmente depois do filme de mesmo nome, estrelado por Leonardo DiCaprio e Kate Winslet.

"Para os contratantes da missão do Titan, há a emoção de estar tão perto de algo que se pensava ter sido perdido para sempre. Além disso, ir até o oceano profundo é algo que muito poucas pessoas têm a chance de fazer. Não tenho certeza se aprovo totalmente que as pessoas sintam emoções voyeurísticas ao entrarem em contato próximo com uma cena de tragédia e uma cova comum", acrescentou Parry. (RC)